



A juventude rural e as novas fronteiras culturais entre o campo e a cidade a partir do debate de classe social¹

Júlia Mello SCHNORR²
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Após o desuso da classe social com fim explicativo nos estudos da mídia, pretendemos analisar a importância da utilização desse conceito na construção do pensamento comunicacional, especialmente em um estudo de recepção. Trabalhamos com a juventude rural das classes populares e as novas conjunturas do espaço rural com a finalidade de enfatizar as novas relações entre o campo e a cidade que acabou por reconstruir as fronteiras culturais.

PALAVRAS-CHAVE: classe social; juventude rural; campo; cidade; recepção

1. Introdução

É impossível analisar a sociedade brasileira, em qualquer âmbito, campo ou cidade, sem falar da desigualdade social presente no curso da nossa história. A questão social "reflete disparidades econômicas, políticas e culturais, envolvendo classes sociais, grupos raciais e formações regionais." (IANNI, 2004, p.203). Mesmo sendo uma das maiores potências econômicas do mundo ocidental, o Brasil sofre, como aponta Ianni (2004) o descompasso do desenvolvimento social. Essa mesma sociedade que aponta economicamente, mantém ou fabrica as desigualdades de classes sociais. Embora, como diz Santos (2002, p.44), nem toda desigualdade social seja reduzida a uma desigualdade de classe, "a premissa subjacente à análise marxista é a de que as relações de classe jogam um papel decisivo na moldagem das outras formas de desigualdade."

Por termos a questão social como fator histórico importante, é imprescindível construir um pensamento comunicacional com referência, também, nos fatores sociais.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em História na Universidade Federal de Santa Maria e mestranda do curso de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria. Contato: juliaschnorr@gmail.com



Para isso, trazemos para este artigo a reflexão de Murdock (2009) e Curran (2006) sobre a comunicação contemporânea e a questão de classe social, assim como outros autores, como Miliband (1990) e José Alcide Santos (2002), que trabalham com a análise de classes sociais.

Neste artigo abordaremos a problemática da juventude rural brasileira pertencente à classe popular, assim como indicaremos os novos sentidos e dinâmicas do rural. Essas questões são intensificadas com a comunicação entre os universos culturais e sociais entre o campo e a cidade, assim como o melhoramento do transporte, bem como o funcionamento dos meios de comunicação de massa que fez com que houvesse uma circulação mais rápida de informações e de bens simbólicos, ocasionando um "estreitamento das fronteiras culturais entre campo e cidade." (CARNEIRO, 2005, p.245)

Nossa amostra é composta por jovens provenientes de famílias camponesas e que moram nas cercanias do perímetro urbano de Santa Maria, em especial na região de Arroio Grande e no assentamento da reforma agrária Carlos Marighela. Suas famílias organizam-se em núcleos de agricultura familiar e, além de produzirem para o autoconsumo, há a geração de renda através da venda de produtos em feiras e em outros locais, como mercados de Santa Maria. A família é um importante núcleo de participação desses jovens, como reitera Carneiro (2005), e a assistência da televisão, de telejornais e telenovelas, ocorre no núcleo familiar. Nossa hipótese é que em alguns núcleos, seja na escola, na família ou com vizinhos, há o debate mais articulado que em outros sobre questões relativas à criticidade da juventude rural, como opiniões sobre política, democracia e em relação à própria representação midiática das ruralidades.

Em livro publicado e que abarcou pesquisa com jovens de todo o país, inclusive a juventude rural, Carneiro (2005, p.259) afirma que os jovens se preocupam com os problemas coletivos que afetam o conjunto da sociedade. Entretanto, "a pesquisa revela que isso que podemos chamar genericamente de "consciência cidadã" não é acompanhada de uma participação efetiva dos jovens em espaços de atuação comunitária." Existem poucos espaços específicos para a juventude organizada, em especial a do campo, salvo algumas iniciativas como as de grupo de jovens das pastorais da terra e de movimentos sociais, como as atividades do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e as do grupo Levante da Juventude do Campo e da Cidade. Entretanto, a participação da juventude rural nesses espaços organizados é bastante



restrita, sendo que a mesma costuma frequentar sua comunidade apenas para festividades religiosas ou para comemorar alguma colheita.

Com este artigo buscamos, assim, levantar apontamentos sobre a utilização da classe social na construção do pensamento comunicacional, em especial na recepção de produtos midiáticos. Pretendemos, também, trabalhar com o mundo das ruralidades e as diferenciações nos conceitos rural e urbano que estão relacionadas às novas conjunturas apontadas por Carneiro (2005) e outros autores sobre as fronteiras culturais entre o campo e a cidade.

2. A classe social ainda explica a sociedade?

Por vários anos, os estudos contemporâneos de mídia e comunicação apontaram a classe social como um conceito explicativo, entretanto, a partir de um processo lento, esse conceito foi sendo substituído por outros que focavam nas singularidades e nas diferenças. Entretanto, a classe social continua tendo a "força essencial", como diz Murdock (2009), para explicar a sociedade na qual vivemos, em especial por essa ser dividida economicamente em classes sociais, mas também por produzir diferenciações simbólicas e imaginárias, importante para a configuração identitária. Entretanto, por que esse conceito foi resguardado ao porão das pesquisas acadêmicas?

As transformações nas investigações, como a "morte da classe social" ou a "morte da História"³, não estão desvinculadas dos processos políticos e sociais que ocorreram, seja a primavera de 1968 em Paris, seja na ascensão do neoliberalismo, em especial a partir da década de 1980. Murdock (2009, p.33) lembra que a virada teórica pós-moderna, que celebrou a cultura como categoria autônoma, ocorreu quase que concomitantemente às modificações neoliberais que desencadearam diretrizes econômicas e sociais para diversos países. Na pesquisa acadêmica, essa virada teórica estimulou investigações sobre identidade e consumo, transformando a questão da diferença e da singularidade em importantes categorias explicativas.

Miliband (1990, p.483) afirma que pertencer a certa classe social não significa estar preso à ela, "o que não se pode ou não se deve fazer é ignorar a existência de tais divisões e a importância crucial que elas têm para a vida da sociedade onde ocorrem."

³A queda dos países soviéticos determinou para Fukuyama, em 1993, o fim da História.



Assim, não se pode negar, também, que existem diferenças, inclusive, dentro das próprias classes sociais, como dentro das classes populares. Nenhuma classe é homogênea e sem conflitos, basta lembrar de choques que existem no sistema estatal, lembrados por Miliband (1990, p.279), como "militares e o governo, o governo central e o governo subcentral".

As classes populares também não são homogêneas, é diversa e dividida com base na ocupação. Mesma com a mesma ocupação – agricultores – há diferenças, atritos e diferentes formações e mediações. Ao ser entrevistada, Maria⁴, 20 anos, filha de agricultores rurais e trabalhadora do Feirão Colonial, demonstrou ter um discurso contraditório sobre temáticas referentes aos movimentos sociais do campo que lutam por reforma agrária. Aproveitamos a telenovela de 1996 "O Rei do Gado" para falar sobre a questão do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Maria, que morou até os 17 anos no município vizinho de alguns dos mais antigos assentamentos da reforma agrária do país, em alguns momentos desconhece a funcionalidade do movimento social, mas afirma que no Brasil "*poucos têm muito e muitos têm pouco*". Maria diz que os assentamentos vizinhos à Pinhal Grande são bem organizados e produzem bastante. Entretanto faz críticas a algumas pessoas pobres que moram na cidade e que decidiram ingressar no MST para conquistar um lote de terra. Para ela, os "*da cidade não sabem lidar com a terra*".

Uma jovem, mulher, que mora no campo, mas estuda na cidade pode ter vários aspectos identitários passíveis de investigação, como geração e gênero. Entretanto, não se pode desvincular a análise identitária daquela de classe social. Curran (2006, p.142) apresentou uma outra perspectiva, a da mídia e cultura na era do liberalismo. Nesse contexto de fragmentação identitária, "classe e o mundo do trabalho (...), são menos significativos que identidades sociais." [tradução nossa] Os sujeitos, entretanto, são formados por várias conformações de identidade, como as citadas acima, mas a classe social é importante e decisiva na maneira, por exemplo, de como o sujeito faz a recepção da mídia e de como ela interfere na configuração de sua identidade. Devemos nos perguntar qual é o valor que esse receptor dá à mídia e quais séries de mediações, como escola, igreja, família, partido político, grupo de economia solidária, como no

⁴Nome fictício escolhido pela entrevistada. Maria mora em Santa Maria, mas é proveniente da localidade de Pinhal Grande (RS). Todos os sábados e há 4 anos, trabalha no Feirão Colonial, revendendo produtos da propriedade da sua família. A entrevista foi semi-estruturada e em profundidade, de acordo com DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.



caso do grupo de jovens que frequenta o Feirão Colonial, e movimento social, no caso daquele que vive no assentamento da reforma agrária, agem na nossa amostra.

Na nossa pesquisa, é fundamental trabalhar com a categoria *classe social*⁵ para analisar, também, de que forma a mídia constrói as representações dos moradores do campo. Faz-se necessária a mediação classe social para investigar a representação dos espaços rurais e a apresentação da cultura e da sociabilidade dos que vivem e trabalham nesses espaços. Essa relação é importante para entender o processo apresentado pela mídia e qual é a participação na vida e na configuração da identidade dos jovens do campo da classe popular e que são receptores desses produtos midiáticos.

Nesta investigação, assim, torna-se difícil, como diz Santos (2002, p.64), "separar o "econômico" do "social" ou "cultural" na análise de classes." Vale-se utilizar a classe social como categoria primordial de pesquisa, especialmente no contexto de representação midiática do homem do campo, já que há conflitos que envolvem relações de poder e também pela situação de grande desigualdade social brasileira. Martín-Barbero (2002) ao elaborar a cartografia do seu mapa noturno, que constrói ao abarcar as matrizes culturais, os espaços sociais e operações comunicacionais, considera a mediação teórica e empírica da classe social. Para ele, a mediação de classe é uma das matrizes, juntamente com outras, como território, etnia, religião, sexo e idade.

3. Ser jovem e viver no campo: a representação midiática e os novos conceitos do campo

Trabalhar com a juventude rural brasileira se faz importante, também, pois ela se encontra, como afirma Carneiro (2005), invisível perante a maioria dos estudos, visto que os jovens dos grandes centros urbanos atraem a atenção de uma boa parte dos pesquisadores. Quando as pesquisas sobre o meio rural falam sobre essa geração, normalmente se referem aos jovens na organização social do campo, apenas o inserindo como participante da equipe de trabalho que gira em torno da família, especialmente nas propriedades de agricultura familiar. Mas afinal, quem é essa juventude rural? Se

⁵Temos como classe social: "diferentes formas de propriedade, sobre as diferentes condições sociais, maneiras de pensar, sentir e ter ilusões, sobre concepções de vida distintas e peculiarmente constituídas. A classe inteira os cria e os forma sobre a base de suas condições materiais e das relações sociais correspondentes." MARX, Karl. Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte. In: MARX. Surveys from Exile. New York, Random House, 1973. p. 173 Tradução de Ondina Fachel Leal.



formos analisar os termos rural e urbano nas últimas produções acadêmicas, iremos nos defrontar com novas perspectivas.

Há uma preocupação multidisciplinar, da geografia agrária à antropologia, em redefinir os conceitos rural e urbano devido, especialmente, devido à globalização e ao contexto atual do campo. A convergência das discussões é que o meio rural não deve ser associado à produção primária. No entanto, o "estreitamento das fronteiras culturais entre campo e cidade" (CARNEIRO, 2005, p.245) não pode ser irradiado para as ilhas de ruralidade presentes em vários locais do Brasil. Esse novo rural⁶, assim, não atinge de forma homogênea a diversidade de espaços rurais brasileiros.

Em nossa mostra prévia, a maioria dos jovens rurais que estuda, o faz na cidade ou em distritos de Santa Maria, como Boca do Monte. A migração cotidiana de ida e volta faz com que ele tenha contato com colegas da cidade e com a realidade do campo. Enquanto está na cidade, frequenta o ambiente da escola e faz cursos de informática, por exemplo. Volta para o campo e está em contato com a mediação da família. Há, assim, uma negociação entre a tradição familiar e a sociabilidade urbana que o jovem adquire na escola. Essas duas mediações, família e escola, tornam-se importantes para essa juventude rural:

A vida rural é associada, geralmente, com uma expressiva valorização da comunidade, valores de vida da família e também ao papel importante da religião. A vida urbana tem como característica agrupar mais as pessoas a partir de sua profissão, muito mais do que somente a partir da família ou da orientação religiosa. Obviamente, essa é uma orientação geral. Outra consideração a ser lembrada é a de que, quando pensamos em "modo de vida rural", pensamos haver maior articulação entre o espaço do trabalho e o espaço de vida como, por exemplo, no caso de uma pequena propriedade. Do mesmo modo, no campo, o uso do tempo guarda maior relação com a natureza do que em relação ao "modo de vida urbano", em que a separação entre espaço de vida e de trabalho é, geralmente, maior, com o tempo e o espaço assumindo maior "compartimentação" em comparação ao que ocorre nos espaços rurais. (BERNARDELLI, 2006, p.44)

A televisão na América Latina ainda tem a a família como função primeira de reconhecimento (MARTÍN-BARBERO, 2009). Através de entrevista exploratória com

⁶ Uma das principais críticas que se faz à fragilidade do conceito de rural é em referência ao Decreto – Lei 311 do ano de 1938 que definiu o que é cidade no Brasil. De acordo com os críticos, em especial Veiga (2002), o conceito foi puramente formal e não estava de acordo com a realidade brasileira. Veiga utiliza rural como sinônimo de campo e urbano como sinônimo de cidade e criou o conceito de "*rurbano*" para explicar o que ocorre na maioria das cidades brasileiras: em sua concepção, o Brasil é muito menos urbano do que mostram as estatísticas. Para saber mais, ler VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2002.



nossa amostra, descobriu-se que é através da unidade familiar que se assiste à maioria dos programas televisivos. Assim, trabalhar com recepção e juventude rural é analisar que a cotidianidade familiar é uma mediação importante, já que as possíveis opiniões e trocas de idéias geradas por assuntos assistidos na televisão refletem, também, na configuração da identidade desses jovens.

Com a intensificação na comunicação entre o campo e a cidade, e a própria transitoriedade dos jovens que vão estudar e trabalhar na cidade e retornam às suas residências no final do dia, há uma intensificação das trocas culturais e sociais entre esses dois ambientes. As novas ruralidades sofrem influência da própria representação do campo na urbanidade, ou seja, de que a vida no campo é algo saudável, tranquilo e que sua cotidianidade sem violência (CARNEIRO, 2005). As modificações são sentidas na juventude rural, pois as novas dinâmicas rurais fazem com que os jovens tenham a introdução de novas necessidades. As mesmas estas relacionadas ao poder de consumo, pois de acordo com o estilo de vida e à renda, o jovem terá acesso ou não a uma série de bens e tecnologia.

A redefinição do rural e a transformação das fronteiras culturais entre o campo e a cidade, faz com que não se possa relacionar os espaços rurais à ausência de serviços e de cidadania, ou de vincular seu espaço ao atraso. Entretanto, existem representações midiáticas relacionadas ao campo e à forma de viver no espaço rural que mostra esse território como atrasado, ou seja, como um local que tem *pouco* desenvolvimento econômico e político, que tem *pouca* produção simbólica e *pouco* acesso escolar. O campo seria, assim, o local do *pouco*. A sua representação midiática, especialmente a da classe popular e que trabalha com agricultura familiar, seria aquela com fala pejorativa, com vestimentas impróprias e com pouco espaço de sociabilidade. Historicamente no Brasil, o homem do campo tem, também, sua ação política construída muitas vezes como messiânica e fanática⁷. Esse rural seria apresentado como local de incapacidade simbólica e política.

Já o modelo de campo apresentado pelo agronegócio na mídia mostra fazendeiros com falas mais rebuscadas, suas vestimentas são um misto de urbano com rural, e ele poderia ser nomeado como um homem de negócios, mas do espaço rural. Assim, o agronegócio seria representado como a solução para o rural, enquanto a

⁷Vide o caso relatado por PEREIRA, André e WAGNER, Carlos. **Monges Barbudos & o Massacre do Fundão**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1981. Os autores apresentam a história de moradores da zona rural de Soledade e Sobradinho, interior do Rio Grande do Sul, que foram acusados de comunistas e fanáticos religiosos. Mais de vinte e duas pessoas foram perseguidas pela ditadura do Estado Novo e até hoje a manifestação é considerada uma revolta apenas de cunho religioso.



agricultura familiar enfrentaria grandes problemas, ao menos enquanto o agricultor não assumisse a sua posição enquanto empresário do campo.

Iokoi (1990) afirma que a produção das áreas da humanas, por muitos anos, referiu-se aos trabalhadores rurais num tom pejorativo: ou eram selvagens ou ingênuos. Essa bestialização do homem do campo ficou evidente em outros momentos, como nos registros do viajante francês Saint-Hilaire no interior do país, feitos ainda no século XIX. O viajante, quando passava pelo interior de São Paulo, registrou os trabalhadores rurais como "homens embrutecidos pela ignorância" (SILVEIRA, 1997, p. 140).

Quando Monteiro Lobato construiu seu personagem caipira, o Jeca Tatu, na década de 1940, a representação não parecia ter mudado. Jeca era sujo, tinha maus hábitos e era ingênuo. Enfim, era o exemplo do tom depreciativo do caipira do interior paulista. Ao consultarmos o atual dicionário Priberam da Língua Portuguesa, caipira significa "inculto, de maneiras acanhadas". Percebemos, então, que o mito do campo e do camponês é forte, "e seus traços de identificação: o natural e o simples, o que seria o irremediavelmente perdido ou superado pela cidade, entendida como o lugar do artificial e do complexo", como afirma Martín-Barbero (2009, p.268) é presente.

3. Considerações Finais

Este artigo traz uma contribuição ao estudo da recepção e da comunicação em geral ao trazer um panorama da importância da análise de classe social para compreender certos aspectos da sociedade brasileira. A classe social é uma mediação decisiva, também, no modo como o sujeito faz a recepção da mídia. Isso é primordial e interfere na conformação identitária.

Apresenta-se nosso objeto de estudo, a juventude rural de classe popular e a inserimos nas novas dinâmicas do rural. Entretanto, salienta-se que o "novo rural" não abrange de forma homogênea todo o espaço rural brasileiro, e sim faz o percurso contrário: o torna mais diversificado e peculiar. Para o estudo de recepção da juventude rural, é imprescindível a mediação da cotidianidade familiar, assim como é importante, também, o contato com o mundo "urbano", adquirido, em especial, na escola, seu novo espaço de sociabilidade.

De que forma a classe social influencia as conformações de identidades dos sujeitos é algo que iremos responder através da etnografia crítica da recepção. Qual



valor nossa amostra, que é composta por jovens rurais e da classe popular, moradores das localidades do assentamento Carlos Marighela e Arroio Grande, dá à mídia e de que forma as mediações, como a família e o movimento social, por exemplo, operam são elementos que objetivamos ao final da nossa investigação responder.

4. Referências Bibliográficas

BERNARDELLI, Maria Lúcia. **Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural**. In: SPOSITO, Maria Encarnação e WHITACKER, Arthur (orgs). **Cidade e Campo: Relações e Contradições entre Urbano e Rural**. 1ª edição. São Paulo: Expressão Rural, 2006. p. 33-52

CARNEIRO, Maria José. **Juventude Rural: Projetos e Valores**. In: ABRAMO, Helena e BRANCO, Pedro. **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. Fundação Perseu Abramo: São Paulo. 2005. p.243-261

CURRAN, James. **Media and cultural theory in the age of market liberalism**. In: CURRAN, James and MORLEY, David. **Media and Cultural Theory**. London: Routledge, 2006, p.129-148.

IANNI, Octavio. **Pensamento Social no Brasil**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

IOKOI, Zilda. **Lutas Sociais na América Latina: Argentina, Brasil e Chile**. Porto: Mercado Aberto, 1990.

LEAL, ONDINA FACHEL. **A leitura social da novela das oito**. Petrópolis: Editora Vozes. 1986.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____. **Oficio de Cartógrafo. Travesías latinoamericanas de la comunicación em la cultura**. México/Santiago: Fondo de Cultura Económica, 2002.

MILIBAND, Ralph. **Análisis de Clases**. In: Giddens, Turner et al. **La teoría social, hoy**. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

MURDOCK, Graham. **Comunicação contemporânea e questões de classe**. Matrizes, São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP: Paulus, ano 2, n. 2, p. 31-56.



SANTOS, José Alcides Figueiredo. **Estrutura de posições e classe no Brasil**: Mapeamento, mudanças e efeito na renda. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2002.

SILVEIRA, Célia Regina da. **A Epopéia do Caipira**: regionalismo e identidade nacional em Valdomiro Silveira. UNESP – Universidade Estadual Paulista, Assis, 1997. (Dissertação de mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Assis, 1997.